

As incertezas dos empresários

por José Casado
de São Paulo

Dias atrás, perguntaram a Getúlio Darrigo, vice-presidente financeiro do grupo Gradiente e presidente do Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros (IBEF), qual o cenário provável da economia brasileira nos próximos meses.

Ele respondeu rápido, contando nos dedos: "Um, inflação alta e crescente; dois, custo real do dinheiro em elevação; três, possível congelamento de preços; quatro, possibilidade de uma maxidesvalorização do cruzado; cinco, o 'pacote' fiscal deve contribuir para dificultar as vendas; e, seis, é possível uma recessão no primeiro quadrimestre".

É quase uma síntese perfeita das mais recentes manifestações dos líderes empresariais, de todos os setores. Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), por exemplo, olha para os indicadores sobre a produção industrial e mostra-se apreensivo: "Devemos fechar o ano com uma queda razoável em relação ao ano passado, o que não quer dizer muito, pois o ano do Plano Cruzado foi atípico. Porém preocupa muito a tendência dos últimos seis meses e acho que podemos estar mais próximos do que se supõe de um processo recessivo".

O ministro Luiz Carlos Bresser Pereira, da Fazenda, concorda em que a crise "é gravíssima", mas acha que o País está imerso em uma "avassaladora onda de pessimismo". Queixou-se disso a um pequeno grupo de empresários, em São Paulo, no começo desta semana.

— Mas ministro, a gente



Carlos Antônio Rocca



Ivoncy Ioschpe

quer ajudar, temos negócios pela frente para fechar e o governo, às vezes, não ajuda muito, como no caso da conversão da dívida externa... O processo ainda nem "decolou" por causa da indefinição do governo..., devolveu Ivoncy Ioschpe, presidente do conselho de administração do conglomerado industrial-financeiro Ioschpe, com sede em Porto Alegre.

O PESSIMISMO

NO PLANEJAMENTO

— É... Mas estou vendo isso e espero acelerar... Espero fechar janeiro com o primeiro "leilão" de títulos (da dívida) feito, responde Bresser Pereira.

— Ótimo, todo mundo está esperando isso. Na celuloose e na química, por exemplo, setores em que trabalhamos, há uma série de operações que podem começar já... São operações grandes e que dão emprego para muita gente, retrucou Ioschpe.

O pessimismo latente no planejamento empresarial para o próximo semestre não chega a inibir totalmente a disposição dos comandantes de grandes empresas em realizar negócios. Talvez seja um dos

frutos da crise do início dos anos 80, quando as empresas, numa etapa inicial, ajustaram seus custos e passaram a administrar seus "caixas" com base em rígidos critérios, conseguindo uma eficiência que, num segundo momento, redundou em uma sequência de incorporações, fusões e aquisições só concluída em 1985, com uma ampla mudança no "ranking" dos líderes dos principais mercados de bens de consumo e de capital.

O EFEITO INDUTOR DA CONVERSÃO

"Se conseguirmos converter US\$ 1 bilhão da dívida externa, o efeito indutor será grande e ativará numerosos setores da economia", acha Amato. É possível. Bresser Pereira projeta isso ao longo de 1988, realizando leilões de títulos na média mensal de US\$ 100 milhões. Mas, como demonstra a experiência recente do México, há um limite para conversão contínua, até mesmo devido a razões de estímulo ao processo inflacionário.

Contudo, a disposição manifesta em diferentes setores para manutenção da dinâmica dos negócios,

no próximo ano, apesar da crise que se vislumbra, tem origem na própria composição do "caixa" das empresas. Depois de um ano eufórico como o do Plano Cruzado (1986), quando quase todos os segmentos produtivos bateram recordes de utilização de sua capacidade instalada, há a sensação de que 1987 encerra-se pelo menos como um exercício fiscal equilibrado para a maioria das empresas.

"Temos pesquisas que estão indicando isso", diz Amato, da FIESP. "No meu caso, por exemplo, estou fechando o ano com equilíbrio e até alguma folga." Ele é acionista da Nacional (eletrônicos) e Springer (refrigeração).

APESAR DE TUDO, NOVOS INVESTIMENTOS

É da essência do capitalismo uma dinâmica permanente nos negócios, ainda que a conjuntura não seja das mais favoráveis. Com essa perspectiva, algumas empresas planejam concluir em 1988 investimentos ou operações que deflagraram nos últimos 36 meses.

A Metal Leve mantém em estudos a constituição de uma subsidiária nos Estados Unidos, o que lhe daria maior margem de manobra nas exportações; a Bardella S.A. negocia com a R.J. Reynolds uma "joint-venture" na produção de latas de alumínio para bebidas; o grupo Ioschpe tenta comprar o controle da rede de distribuição mundial da Massey Ferguson, líder no mercado internacional de máquinas agrícolas; as japonesas Sumitomo, Marubeni e Mitsui estão expandindo seus interesses na produção de insulinos químicos, seguidas pelo grupo Ultra; a Cervejaria Brahma prepara uma ampliação de US\$ 150 mi-

lhões nas suas instalações; Pão de Açúcar, Mappin, Ponto Frio e Paes Mendonça, redes nacionais de varejo, projetam, em conjunto, a instalação de cerca de cem novos pontos de venda em todo o País.

A ALTERNATIVA SERÁ EXPORTAR

"Quando você monta uma loja como a que nós instalamos na região do ABC paulista, você não está pensando na conjuntura, mas no futuro, ainda que este, visto de hoje, pareça remoto", explica Carlos Antonio Rocca, presidente do conselho de administração do Mappin, uma das maiores lojas de departamento do País.

"Vamos expandir porque o Brasil está começando a assistir a uma 'guerra' no varejo como nunca foi vista antes e a crise só tende a aumentar a concorrência. Hoje, a situação do mercado pode ser comparada a um 'Vietnã': todo mundo atirando numa guerra na selva, sabendo que as perdas tendem a ser grandes no curto prazo", afirma.

O horizonte de 1988, na avaliação do ex-ministro da Fazenda e do Planejamento Mário Henrique Simonsen, indica "um crescimento zero, na melhor das hipóteses, em decorrência da pequena recessão que, certamente, vamos ter nos Estados Unidos, na Europa e no Japão".

A alternativa imediata será a intensificação das exportações, observa Carlos Mariani, presidente da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim). "Mas é bom lembrar que isso, também, será feito pelos outros produtores mundiais, em todos os setores", diz, acrescentando: "Como em todas as crises só vai vencer quem demonstrar eficiência e competitividade".